

Capítulo 2



Capítulo 2

Pelas vozes da rima popular

Ao longo do tempo, diversas histórias foram contadas para retratar os feitos e aventuras heroicas de personagens famosas. Essas narrativas, também conhecidas como poemas épicos, eram acompanhadas por música e formadas por versos rimados, o que facilitava a sua popularização. Um dos poemas épicos mais tradicionais é *A canção de Rolando*. Você sabia que esse poema é um dos mais antigos da língua francesa? Ele narra a corajosa luta do cavaleiro Rolando durante a Batalha de Roncesvalles (município que se localiza na Espanha, perto da divisa com a França).



Escrito no século XI, *A canção de Rolando* se destaca pela exaltação de valores, como a bravura, a lealdade e a honra.

E aqui, no Brasil? Como essas histórias em versos caíram na boca e nos ouvidos do povo? Um bom exemplo disso são as publicações conhecidas como literatura de cordel, as quais apresentam lendas locais e aventuras de personagens da cultura popular, bem como críticas sociais e políticas. Para começar a refletir a respeito dessas obras, converse com seus colegas sobre as questões a seguir.

- Imagine como as pessoas na Antiguidade memorizavam e contavam histórias. Você acha que isso influenciou a maneira como elas compartilhavam conhecimentos? De que modo?



Avaliar



26



- O que você conhece sobre literatura de cordel?



Página 27

TEXTO EM CENA

Assim como no poema épico *A canção de Rolando*, a literatura de cordel também celebra em seus versos as aventuras de figuras emblemáticas da cultura popular. O texto a seguir, um exemplo de cordel, foi extraído do livro *No Reino do Vai Não Vem: uma viagem ao mundo do cordel*, do escritor Fábio Sombra, e vai levar você a uma curiosa aventura. Leia-o para conhecer um pouco mais sobre esse gênero.

No Reino do Vai Não Vem: uma viagem ao mundo do cordel

Dizem que todo escritor
É um sujeito original.
Tecelão de fantasias,
Arquiteto do irreal,
Mentiroso por destino
E dever profissional.

Eu, por certo, não sou desses,
Pois os fatos não aumento,
Não encurto ou diminuo,
Nada mudo ou acrescento.
O que sai de minha pena
É verdade, cem por cento!

Eis que aconteceu comigo
Uma estranha situação:
Envolvei-me numa história
De magia e muita ação,
E eu lhes conto o sucedido
Sem um pingão de invenção.

Como todos sabem, eu

E romances de cordel
Que se transformaram em livros
Bem impressos no papel.

Só que eu tenho uma mania,
Um capricho, por que não?
Só consigo fazer versos,
Com beleza e perfeição,
Se antes toco minha rabeca
Pra buscar inspiração.



↓ Página 28

É uma rabequinha antiga
Que se chama Veridiana,

Tem um som fanhoso e rouco
(Mas garanto que é bacana).

Pois não é que certo dia
Fiquei pasmo e surpreendido:
Veridiana, minha rabeca,
Meu instrumento querido,
Não estava em seu estojo,
Tinha desaparecido!

Procurei-a sem sucesso,
Onde estaria a danada?
E sem ela a me inspirar,
Eu me vi numa enrascada,
Pois queria escrever versos
Mas não produzia nada!

Fui tomado por um “branco”,
Uma névoa clara e fina.
As palavras me faltavam
E, em meio a tal neblina,
As estrofes que eu compunha
Fracassavam em metro e rima.
[...]

Diante de tal sumiço, o narrador da história se questiona onde estaria Veridiana. Em versos posteriores, uma moça chamada Esmeralda é quem dá essa resposta.

[...]
— Um tal Pedro Malasartes
Foi o criminoso e o réu
Que levou sua rabequinha
(Embrulhada em fino véu),
Para a terra onde se passam
As histórias de cordel.

— O Reino do Vai Não Vem
É o encantador lugar
Onde vivem os personagens
Da poesia popular,

— Sabidões como João Grilo,
Bois valentes, cangaceiros,
Carlos Magno com os seus doze
Valorosos cavaleiros
E até Lampião peitando
Coronéis e fazendeiros.

— Toda vez que um cordelista
Uma história inventa e cria,
Os seus novos personagens
Vão morar no mesmo dia
Nessa terra fascinante,
Nesse reino de poesia.

Eu ouvia a tudo atento
E com vívida atenção.
Eis que perguntei à moça:
— Mas por quê? Qual a razão
De levarem a Veridiana
Para um mundo de ilusão?

Pra me dar esta resposta
Uma moeda foi cobrada,
E a garota disse assim:
— Veja bem, meu camarada,
O problema é que essa terra
Já está superlotada...



Página 29

— São milhares de criaturas
Que mal podem dar um passo:
Sejam fadas europeias
Ou bandidos do cangaço,
Todos vivem num sufoco,
Dividindo o mesmo espaço.

— E pra piorar as coisas
Tem VOCÊ que inventa e cria

Ao tal reino de poesia.

— **Malasartes** deu um jeito

De resolver a questão:

Sem rabeca você perde

Sua farta inspiração,

E o reino já não sofre

Mais com tanta imigração!

[...]

Segundo pesquisadores, Pedro Malasartes é uma personagem tradicional de contos populares portugueses e espanhóis. No Brasil, além dessas narrativas em prosa, também ganhou espaço na literatura de cordel como figura astuta, inteligente, que vive de enganar vaidosos, avarentos e orgulhosos para fazer justiça social e alcançar os seus interesses.

Depois deu-me um pergaminho

(Amarelo era a sua cor)

E me disse: — Aqui estão

Sete provas de valor.

Se quiser ter sua rabeca,

Vença-as todas, por favor!

[...]

Em busca de sua preciosa rabeca, o narrador segue, então, rumo ao mundo do cordel.

SOMBRA, Fábio. *No reino do vai não vem: Uma viagem ao mundo do cordel*. 1. ed. São Paulo: Editora Scipione, 2019.

VOCABULÁRIO

cordelista: denominação dada aos autores de literatura de cordel.

fanhoso: que parece falar pelo nariz ou com o nariz apertado, ou seja, com som nasalizado.

imburana: tipo de árvore nativa do Sertão nordestino.

metro: medida que estabelece a quantidade de sílabas de cada verso.

rabeca: instrumento de arco parecido com um violino, porém anterior a ele.

tecelão: aquele que trabalha tecendo fios no tear.

FÁBIO SOMBRA

Paulo Barreto/Agência o Globo



O autor do livro *No Reino do Vai Não Vem: uma viagem ao mundo do cordel* nasceu no Rio de Janeiro, em 1965. Ele iniciou sua jornada pela literatura popular em 2002, ano em que foi convidado a ilustrar a história *Aladim e a lâmpada maravilhosa* recontada em versos pelo poeta cearense Patativa do Assaré. Essa experiência, segundo ele mesmo afirma, o deixou tão fascinado com o universo da poesia popular que decidiu que era nesse “reino” que queria ficar. Além de escritor, Sombra é pesquisador da cultura popular, pintor e ilustrador. Ele também adora compor músicas, seja na companhia de sua viola ou de sua querida rabeca.



↓ Página 30

1. A história a qual você acaba de ler um trecho é toda contada em versos rimados. Que tal experimentar contar algo nesse formato antes de dar início às próximas questões? No espaço a seguir, crie uma estrofe, seguindo o ritmo do texto lido, em que você conte o que o narrador fez para chegar ao mundo do cordel.
2. Qual profissão é possível atribuir ao narrador da história? Justifique sua resposta por meio de trechos do texto.
3. Indique que acontecimento leva o narrador da história a se ver em uma enrascada. Depois, responda às perguntas dos itens.

b) Quem é o responsável por tal acontecimento e o que o levou a tomar essa atitude?

c) O que o narrador precisará fazer para resolver essa situação?

➤ Que elemento do texto antecipa esse feito antes de o narrador contá-lo na história?
Marque a opção correta e justifique sua resposta nas linhas seguintes.

() A primeira estrofe.

() O título do texto.

() O uso da 1ª pessoa.

↓ Página 31

4. Na primeira estrofe do poema, há a seguinte afirmação.

Dizem que todo escritor
É um sujeito original.
Tecelão de fantasias,
Arquiteto do irreal,
Mentiroso por destino
E dever profissional.



a) Em resumo, essa estrofe fala sobre

() outras profissões que os escritores podem ter.

() a dificuldade de entender o que os escritores dizem.

b) Ao falar sobre esse assunto na estrofe, o narrador começa com “Dizem que”. Explique qual sentido o uso dessa expressão dá ao texto.

» Assim como os contos populares, a literatura de cordel tem origem em histórias repassadas oralmente pelo povo. Desse modo, qual relação pode ser estabelecida entre o uso da expressão “Dizem que” e a origem das narrativas populares?

5. A contradição é um recurso da comunicação que, por vezes, é usado para dar um tom bem-humorado ao que está sendo dito. Sabendo disso, em qual dos trechos a seguir esse recurso é aplicado?

()

Eis que aconteceu comigo
Uma estranha situação:
Envolvi-me numa história
De magia e muita ação,
E eu lhes conto o sucedido
Sem um pinga de invenção.

()

É uma rabequinha antiga
Que se chama Veridiana,
Construída com capricho
Em madeira de imburana.
Tem um som fanhoso e rouco
(Mas garanto que é bacana).

()

Eu ouvia a tudo atento
E com vívida atenção.
Eis que perguntei à moça:
— Mas por quê? Qual a razão
De levarem a Veridiana
Para um mundo de ilusão?



6. De acordo com o texto, que tipo de relação o narrador tem com sua rabeca? Você pode marcar mais de uma opção se julgar necessário.

() Carinho

() Ciúmes

() Indiferença

() Interesse

► Justifique a(s) opção(ões) marcada(s) com trechos ou fatos do texto.

7. A sonoridade dos poemas pode estar ligada à regularidade do número de versos e da posição das rimas na composição das estrofes. Sabendo disso, responda aos itens.

a) Quantos versos há em cada uma das estrofes do texto lido?

b) As rimas estão presentes ao final de quais versos?

c) A estrofe que você criou na questão 1 seguia o padrão de versos e rimas que você acaba de identificar? Avalie-a e converse com a turma sobre quais ajustes poderiam ser feitos para que sua estrofe ficasse no mesmo padrão daquelas encontradas no texto.

8. Leia, a seguir, o que Fábio Sombra afirma sobre as histórias dos cordéis.

Muitas vezes, em tom humorístico para divertir e para criticar, esses poemas narrativos abordam os mais variados temas: fatos políticos ou policiais, episódios com pessoas conhecidas e festas folclóricas, além, é claro, de romances de aventura, fantasia e contos populares.

SOMBRA, Fábio. *No reino do vai não vem: Uma viagem ao mundo do cordel*. 1ª ed. São Paulo: Editora Scipione, 2019.

- b)** Quais dos temas citados anteriormente é possível identificar no trecho da história que você leu no início dessa seção? Explique sua resposta.



Página 33

- 9.** Releia os seguintes versos.

— O Reino do Vai Não Vem
É o encantador lugar
Onde vivem os personagens
Da poesia popular,
Heróis, monstros e princesas
E mais outros vou listar:

— Sabidões como João Grilo,
Bois valentes, cangaceiros,
Carlos Magno com os seus doze
Valorosos cavaleiros
[...].



- a) Explique o que motiva o uso do travessão no início dessas estrofes.
- b) Ao longo da história de *No Reino do Vai Não Vem: uma viagem ao mundo do cordel*, o escritor Fábio Sombra cita diversas personagens, todas figuras comuns em outras obras de literatura de cordel. Quais dessas personagens você identifica no trecho anterior?
- » Escolha uma das personagens identificadas no item anterior ou no restante do texto lido e pesquise sobre ela. Em seguida, escreva uma breve descrição de quem ela é e em quais outras narrativas de cordel também é citada. Na próxima aula, compartilhe

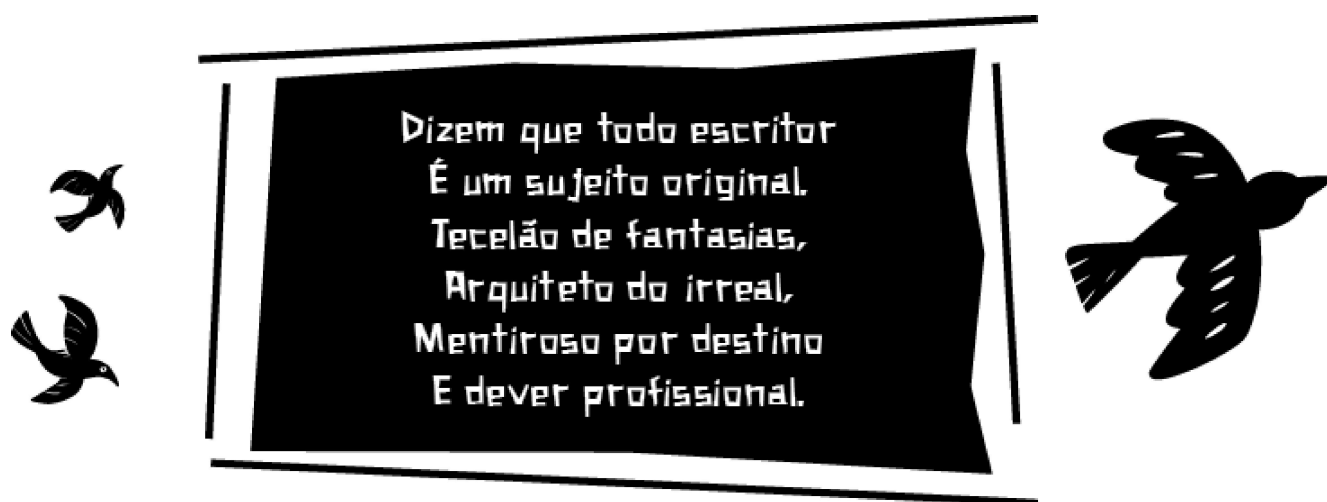


LINGUAGEM EM FOCO

Construindo sentido e som

Figuras de linguagem I

1. Leia novamente o seguinte trecho do cordel *No Reino do Vai Não Vem: uma viagem ao mundo do cordel*.



- a) No trecho, o significado da expressão “tecelão de fantasias” é o mesmo que
- () pessoa que produz tecidos para roupas.
 - () pessoa que inventa histórias fictícias, irreais.
 - () pessoa que gosta muito de manusear teares.
- » Essa interpretação permite afirmar que **tecelão** é usado como sinônimo de

() caçador.

() criador.

b) Em “arquiteto do irreal” o narrador

() explica a forma como os arquitetos geralmente trabalham.

() compara o trabalho dos escritores com o dos arquitetos.

() confunde o trabalho de um escritor com o de um arquiteto.

» Por que todo escritor pode ser considerado um “**arquiteto** do irreal”?

Dica: Se necessário, consulte o primeiro significado dessa palavra no dicionário. Nele, você encontrará a descrição do que esse profissional faz.



Página 35



Nos versos destacados anteriormente, as palavras **tecelão** e **arquiteto** assumem um significado diferente do usual e constroem **figuras de linguagem**. Esse recurso expressivo, também conhecido como figura de estilo, explora o emprego não convencional das palavras com o intuito de provocar sensações no leitor. Veja, a seguir, algumas figuras de linguagem.

NOTA

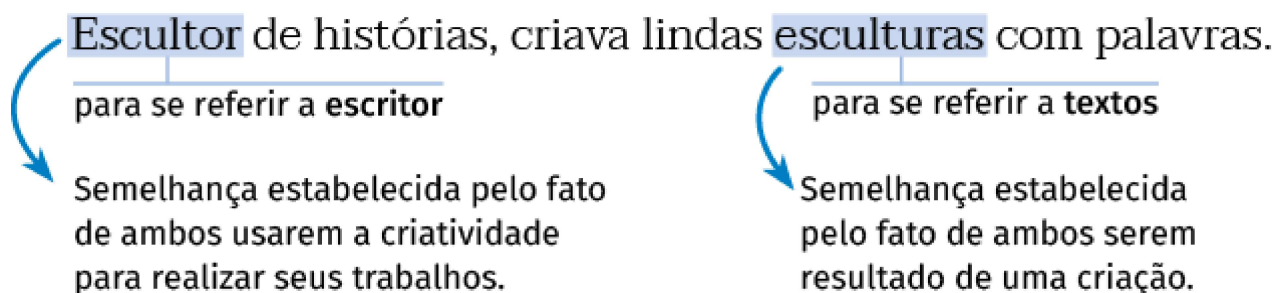
Vale lembrar:

Sentido usual = sentido denotativo ou literal.

Sentido não usual, estabelecido pelo contexto = sentido conotativo.

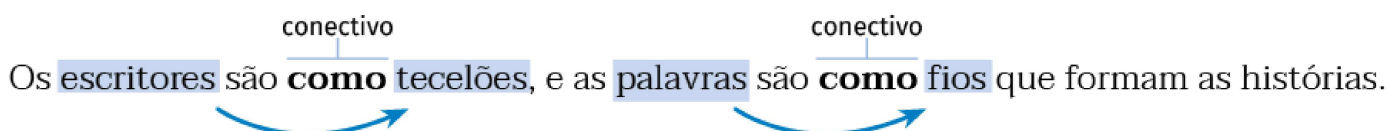
Metáfora

A metáfora caracteriza-se pelo emprego de um termo no lugar de outro, estabelecendo uma relação de semelhança, isto é, uma comparação subentendida entre eles. Isso ocorre, por exemplo, nas expressões “tecelão de fantasias” e “arquiteto do irreal”, pois os termos **tecelão** e **arquiteto** são usados para se referir aos escritores. Observe outro exemplo:

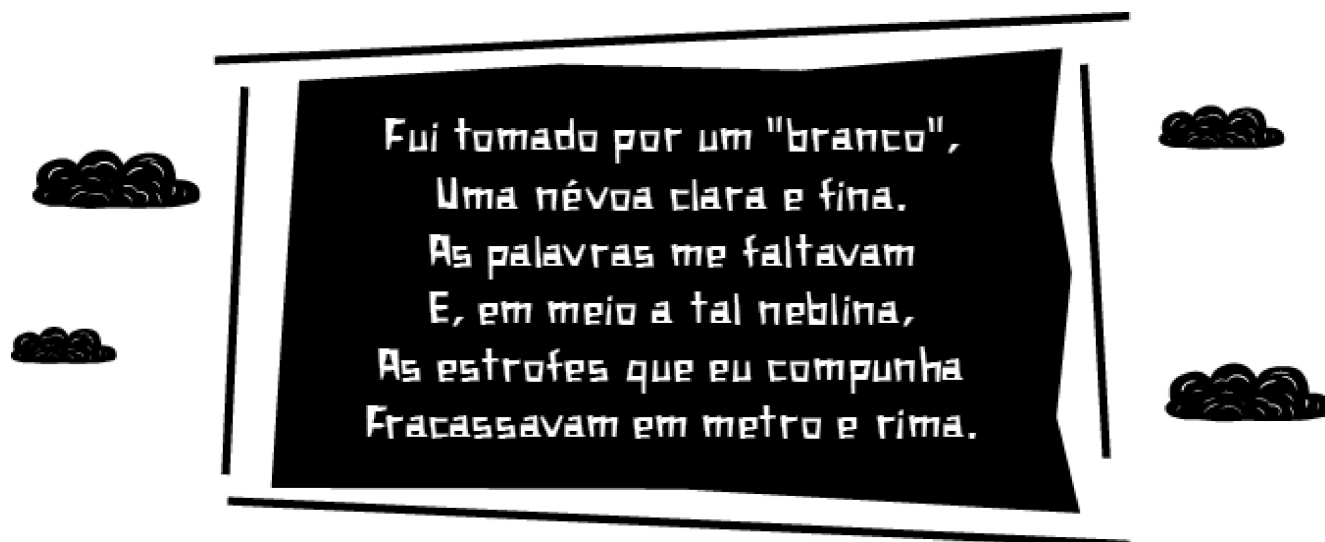


Comparação

A comparação também é uma figura de linguagem. Como o nome já diz, é aquela na qual há uma comparação explícita entre dois termos ligados por um conectivo. Como em:



2. Releia a estrofe a seguir e reflita sobre as figuras de linguagem empregadas respondendo aos itens.



- a) As aspas indicam que a palavra **branco** foi empregada em sentido metafórico. Que termo, em sentido literal, essa palavra substitui?

() Clarão

() Esquecimento

() Aborrecimento

» Agora, explique a relação estabelecida entre o termo **branco** e a palavra assinalada.

- b) Que outra palavra também é empregada em sentido metafórico nessa estrofe?

() neblina

() estrofes

() rima

» A que esse termo se refere na estrofe?

- c) Substituindo a expressão "**branco**" pelo que foi marcado no item A e utilizando um dos conectivos indicados, reescreva a informação a seguir de modo que ela se torne uma comparação.

Fui tomado por um "branco",
uma névoa clara e fina.

Conectivos:
Como
Tal qual

d) Nos versos “As estrofes que eu compunha/ Fracassavam em metro e rima.”, existe ainda outra figura de linguagem. Para identificá-la, responda aos itens a seguir.

- » A quem é atribuída a ação de fracassar em metro e rima?
- » Na verdade, quem fracassa ao escrever o poema?



Página 36

No trecho analisado no item D, há um exemplo de prosopopeia, também conhecida como personificação. Essa figura de linguagem consiste em atribuir características/ações de seres humanos a seres não humanos ou de seres vivos a seres inanimados, como nos exemplos a seguir.

O vento uivava pela noite afora.

As ondas beijavam a areia da praia.

3. Identifique e sublinhe em qual(is) dos versos das estrofes a seguir também há um exemplo de prosopopeia.

Pelo verdejante campo
Dança a chuva bailarina.
Baila solta pelo mato
Desbravando a colina.
Rodopia pelas árvores
Nem parece só neblina.

Chove prata pelo céu
Quando cai garoa mansa.
Luz do sol nas gotas brilha
E esse reluzir não cansa
A quem vigilante segue
Olhos vivos de criança

› Explique a sua escolha.



Página 37

4. Releia o trecho e marque a opção que completa corretamente cada item.

Eis que aconteceu comigo
Uma estranha situação:
Envolvi-me numa história
De magia e muita ação,
E eu lhes conto o sucedido
Sem um pingo de invenção.

a) A ideia presente no verso “sem um pingo de invenção” é equivalente a

- ☐ com total veracidade.
- ☐ com alguma incerteza.
- ☐ com um pouco de invenção.

b) No verso, a expressão “sem um pingo” confere um tom

- ☐ de dúvida e incerteza em relação à informação expressa.
- ☐ de exagero, que enfatiza a informação expressa.
- ☐ contraditório, que deixa confusa a informação expressa.

Hipérbole

seguir.

Morri de preocupação com o sumiço da Veridiana.

A pessoa, de fato, não morreu, mas usa a ideia para dar ênfase à preocupação.

Procurei minha rabeca em um milhão de lugares.

A pessoa não procurou, de fato, em um milhão de lugares, mas essa expressão enfatiza que o objeto foi muito procurado.

Todo mundo sabe que sou poeta e menestrel.

Não se pode garantir que todo mundo sabe disso, mas a expressão enfatiza o que o poeta julga ser senso comum.



5. Identifique a hipérbole presente na informação a seguir e explique como ela contribui para a descrição do lugar citado.

No Reino do Vai Não Vem já não cabia nem um alfinete.



Página 38

6. Em *No Reino do Vai Não Vem: uma viagem ao mundo do cordel*, o narrador relata da seguinte forma o retorno ao final de sua fantástica viagem.

Eu participei da festa
E, ao final, me despedi.
No pavão voei de volta,
Rapidinho estava aqui.
Foi tão ligeira a viagem
Que eu até nem percebi.

O pavão citado nos versos é uma referência à máquina voadora do cordel *O Romance do Pavão Misterioso*, do cordelista José Camelo de Melo Resende.

SOMBRA, Fábio. *No reino do vai não vem: Uma viagem ao mundo do cordel*. 1ª ed. São Paulo: Editora Scipione, 2019.

- a) Em “No pavão voei de volta”, a repetição de alguns sons realça a sonoridade do verso. De acordo com as indicações abaixo, identifique quais são esses sons que se repetem.

» Som consonantal: _____

» Sons vocálicos: _____

- b) Com qual das opções a seguir é possível relacionar essa sonoridade?

- () O ruído que os pavões costumam emitir.
- () O som da festa na qual o narrador estava.
- () O som das asas do pavão voando pelos ares.

Perceba que as figuras de linguagem também podem ter relação com a sonoridade do texto. A assonância e a aliteração, presentes no verso explorado na questão anterior, são exemplos de figuras de linguagem desse tipo. Veja a seguir a diferença entre elas.

- **Assonância** – Repetição regular e alternada de sons vocálicos abertos (a, é, i, ó) ou fechados (ã, ê, ô, u) que fornece valor sonoro ao texto.

Às v e z e s t e n h o i d e i a s f e l i z e s,
I d e i a s s u b i t a m e n t e f e l i z e s, e m i d e i a s

Fernando Pessoa

Note que o **e** que se repete na palavra **ideias** é aberto (é). Nos demais casos, o **e** é fechado (ê).

- **Aliteração** – Repetição regular de sons consonantais que fornece valor sonoro ao texto.

C o r r e, r a i o d e r i o, e l e v a a o m a r.

Fernando Pessoa

Além de atribuir valor sonoro à frase, a repetição do som representado pela letra R pode ser relacionada ao sentido do que está sendo dito: o som das águas do rio correndo rapidamente em direção ao mar.

7. Indique qual é a ocorrência, entre assonância e aliteração, que há nos trechos a seguir. Além disso, circule as letras que confirmam sua resposta.

Vem vagando pelo campo
Vai varrendo o areal e
Vibrando as vastas folhas
Que verdejam o bananal.

Tristonho choro ouve-se ao longe
Um coro penoso, tormento em voz

O rato roeu a roupa do rei de Roma.

- Em relação ao sentido do texto, a que cada efeito sonoro pode ser relacionado? Numere as descrições a seguir de acordo com os efeitos sonoros que correspondem a elas.

() Ao som de algo sendo arranhado, destruído.

() Ao som do ar em movimento.

() Ao pranto ou murmúrio de alguém.



Página 39

Versificação

A sonoridade dos textos poéticos não está ligada apenas à presença de figuras de linguagem como a assonância e a aliteração. Em geral, ao ler um cordel ou outro tipo de poema, é possível

Di zem que to do escri tor
 É um su jei to origi nal .
 Tece lã o de fanta si as,
 Arqui te to do irre al ,
 Menti ro so por des ti no
 E de ver profissio nal .

Perceba que a alternância entre as sílabas tônicas (em destaque) e as sílabas átonas (sem destaque) dos versos dá ritmo à leitura.

O ritmo de um poema também é determinado pela extensão dos versos, chamada de **métrica**. Para medi-los, é necessário fazer a **metrificação**, ou seja, a contagem das sílabas poéticas em cada verso. As **sílabas poéticas**, diferentemente das sílabas gramaticais, são contadas com base na pronúncia do verso. Veja:

Sílabas gramaticais

Di/zem/ que/ to/do/ es/cri/tor
 1 2 3 4 5 6 7 8

Sílabas poéticas

Di/zem/ que/ to/do es/cri/tor
 1 2 3 4 5 6 7

- Note que, na contagem das sílabas poéticas, quando uma palavra termina com vogal e a seguinte inicia também com vogal em uma sílaba átona (fraca), apenas uma sílaba é contabilizada, como em “to/do es/cri/tor”. Esse fenômeno ocorreu porque as sílabas gramaticais foram pronunciadas como uma só, eliminando uma vogal: do + es = des.

NOTA

A pronúncia que se faz de determinadas vogais pode interferir na contagem das sílabas

contabilizadas em uma mesma sílaba poética sem a eliminação de uma delas.

- Outro cuidado que se deve ter ao fazer a metrificação é contar até a última sílaba tônica, apenas.

Te/ce/**lão**/ de/ fan/ta/**si**/as
1 2 3 4 5 6 7

Men/ti/**ro**/so/ por/ des/**ti**/no
1 2 3 4 5 6 7

↓ Página 40

Tradicionalmente, os versos dos cordéis são heptassílabos, ou seja, seguem um formato fixo de sete sílabas poéticas. Ao todo, os versos de um poema podem ser:

monossílabos – com uma sílaba poética.

dissílabos – com duas sílabas poéticas.

trissílabos – com três sílabas poéticas.

tetrassílabos – com quatro sílabas poéticas.

pentassílabos – com cinco sílabas poéticas.

hexassílabos – com seis sílabas poéticas.

heptassílabos – com sete sílabas poéticas.

octossílabos – com oito sílabas poéticas.

eneassílabos – com nove sílabas poéticas.

decassílabos – com dez sílabas poéticas.

hendecassílabos – com onze sílabas poéticas.

dodecassílabos – com doze sílabas poéticas.

bárbaros – com mais de doze sílabas poéticas.

NOTA

A regularidade na medida dos versos (metrificação) tem um papel importante na harmonia sonora de um poema, mas também há poemas escritos em **versos livres**, que são aqueles que não seguem um padrão de métrica definido.

8. Considerando o formato tradicional da quantidade de sílabas poéticas nos versos de um cordel, indique com **V** as afirmações que são verdadeiras e com **F**, as falsas.

- () No verso “Uma névoa clara e fina.”, Fábio Sombra foge do formato tradicional dos cordéis, já que esse é um verso octossílabo.
- () Os versos “Pelo verdejante campo/ Dança a chuva bailarina.” seguem o padrão tradicional dos versos dos cordéis.

- () Para que o verso “Veridiana, minha rabeça,” esteja na métrica tradicional dos cordéis, a palavra **minha** poderia ser substituída por **a**.

➤ Explique quais são os equívocos das afirmativas indicadas como falsas.



A regularidade na quantidade de versos em cada estrofe e a posição das rimas também são fatores que influenciam o ritmo de um poema.

- Quanto à **quantidade de versos**, as estrofes podem ser classificadas da seguinte forma.

Monóstico: um verso
Dístico: dois versos
Terceto: três versos
Quadra ou quarteto: quatro versos
Quintilha: cinco versos
Sextilha: seis versos
Septilha: sete versos
Oitava: oito versos
Nona: nove versos
Décima: dez versos

Expandir ↗

- Já a **rima** é um recurso sonoro que consiste na ocorrência de sons semelhantes principalmente no final dos versos de uma estrofe. Quando nessa posição, as rimas podem aparecer combinadas de diferentes formas nos versos. Observe algumas delas.

E veja só que aventura	A	O poeta irreverente	A	No mundo da poesia	A
Que viveu essa criatura:	A	Cheio de imaginação	B	Foi caçar Veridiana	B
Nesse universo encantado	B	Versava pra toda gente	A	A rabeça de imburana	B
Foi valente, foi danado	B	Com muita animação	B	Que lhe inspira todo dia	A
Emparelhada		Alternada		Interpolada	

NOTA

Para identificar as rimas de um poema, utilizam-se letras do alfabeto. Quando os versos são ligados entre si pela rima, recebem letras iguais.

Métrica e rima no cordel

- Classifique a seguinte estrofe conforme a quantidade de versos e identifique como as rimas estão organizadas nela. Para isso, indique as palavras que rimam entre si com a mesma letra do alfabeto. Caso não haja rima, use a letra X.

	Identificação das rimas
É uma rabequinha antiga	

Que se chama Veridiana,	
Construída com capricho	
Em madeira de imburana.	
Tem um som fanhoso e rouco	
(Mas garanto que é bacana).	
Classificação da estrofe em relação à quantidade de versos:	



Página 42



Perceba que o formato de estrofe com seis versos indicado na questão anterior se mantém no restante do cordel de Fábio Sombra, acentuando o ritmo melódico do texto.

A sextilha é considerada um dos estilos mais fáceis e comuns na escrita de cordéis. Em seu formato tradicional, cada verso possui a métrica de sete sílabas poéticas e apenas os versos pares rimam entre si, não havendo rima nos versos ímpares. Veja como isso acontece em uma das estrofes de *O Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo Resende:

Eu/ vou/ con/tar/ u/ma his/tó/ria	1º verso	<u>branco</u>	
1 2 3 4 5 6 7			
De um/ pa/vão/ mis/te/ri/o/so	2º verso		A
1 2 3 4 5 6 7			
Que/ su/biu/ vo/o/ na/ Gré/cia	3º verso	<u>branco</u>	
1 2 3 4 5 6 7			
Com/ um/ ra/paz/ co/ra/jo/so	4º verso		A
1 2 3 4 5 6 7			
Rap/tan/do/ no/bre/ con/des/sa	5º verso	<u>branco</u>	
1 2 3 4 5 6 7			
Fi/lha/ dum/ con/de or/gu/lho/so	6º verso		
1 2 3 4 5 6 7			

NOTA

Versos que não possuem rimas são chamados de **versos brancos**.



- 10.** Que tal criar versos como nos cordéis? Elabore uma sextilha com versos heptassílabos no espaço a seguir. Nela, conte, conforme a sua imaginação, como foi o reencontro do narrador com sua rabeca ao final das sete provas.

Dica: Não se esqueça de seguir o mesmo padrão de rimas utilizado no texto de Fábio Sombra.

(COM)TEXTO

- 1.** Considerando as possibilidades de interpretação das afirmações, marque aquela em que,

- () A estátua tinha **olhos de diamante**. Por isso, era uma peça caríssima.
- () O poeta vê o mundo com **olhos de diamante**. Com eles, enxerga preciosidades.
- () Em minhas mãos, tenho um anel com **olhos de diamante**. Eles são joias belíssimas.
- Explique qual sentido a expressão em destaque dá à afirmação marcada.

↓ Página 43

2. Leia, a seguir, uma das estrofes do cordel *As proezas dos João Grilo brasileiros*, de Sebastiana Gomes de Almeida.

A arte do cordelista
fonte da gente beber
a tradição folclorista
do povo, o real saber.
Tudo o que há no Universo
ela já contou em verso
cheio de inspiração,
mostrando de forma pura
a verdadeira cultura
para qualquer geração.
São temas bem variados,
no cordel antigo ou novo,
intimamente ligados
no sentimento do povo.
O tema é universal:
de amor, humor, social,
heroico, maravilhoso,
de louvação ou político,
urbano, rural ou crítico
ou tema religioso.

ALMEIDA, Sebastiana. *Cor de Cordel: As proezas dos João Grilo brasileiros*. Editora Premium.

Nesse cordel, a autora usa um estilo de estrofe menos comum, com dez versos rimados

- a) Explique qual sentido a hipérbole “Tudo o que há no Universo/ ela já contou em verso” fornece ao texto.
- b) Na sua opinião, é possível interpretar esses versos em sentido literal? Explique sua resposta.

RECAPITULANDO

- As figuras de linguagem são formas de expressão relacionadas ao emprego não convencional das palavras. São exemplos de figuras de linguagem:
 - › **Metáfora** – Emprego de um termo no lugar de outro, estabelecendo-se uma comparação subentendida entre eles.
 - › **Comparação** – Comparação explícita entre dois termos ligados por um conectivo.
 - › **Prosopopeia** – Atribuição de características/ações de seres humanos a seres não humanos ou de seres vivos a seres inanimados.
 - › **Hipérbole** – Exagero a fim de enfatizar uma ideia.
 - › **Assonância e aliteração** – Repetição regular de sons vocálicos ou consonantais, respectivamente.
- Aspectos como a **quantidade de sílabas poéticas** (métrica), o **número de versos** de uma estrofe e a **disposição das rimas** têm importante papel na sonoridade do texto em versos.
- Nos cordéis, um dos estilos mais comuns é o de estrofes com seis versos (sextilhas), sete sílabas poéticas em cada verso (versos heptassílabos) e rimas apenas nos versos pares.

Exercícios de fixação

1. Identifique as figuras de linguagem presentes nos versos

b) Sou uma sombra! Venho de outras eras.

(*Monólogo de uma sombra*, Augusto dos Anjos)

c)

Surgiu o dia risonho
na primavera imponente
as horas passavam lentas
o espaço incandescente

(*Viagem ao País de São Saruê*, Manoel Camilo dos Santos)

↓ [Página 44](#)

2. Elabore uma estrofe com quatro versos na qual haja um exemplo de hipérbole e os versos rimem de forma alternada.
3. Com base nos versos a seguir, responda aos itens.

A chaleira chia ao fogo
Parece até cochichar
Chama baixo o desatento:
— É hora de tomar o chá!

a) Nos versos, há um exemplo de

() assonância.

() aliteração.

- b) Que outra figura de linguagem também é empregada nos versos? Explique sua resposta.

4. Leia os seguintes versos de cordel para responder aos itens.

Era Pedro Malasartes
Um curioso ladino
Que viveu de presepadas
Desde muito pequenino.
Nunca achou um só caloteiro
Que lhe enrascasse o destino.

As presepadas de Pedro Malasartes, Francisco Sales Arêda.

Caloteiro é uma pessoa que engana as outras; malandro.

Ladino é uma pessoa sagaz, esperta.

Presepada é uma situação inusitada, desagradável; comportamento inconveniente.

- a) Separe as sílabas poéticas da estrofe usando uma barra (/) entre elas e pinte as sílabas tônicas dos versos.
- b) Por qual(is) das seguintes palavras seria possível substituir o termo **presepadas**, mantendo o sentido e a métrica do terceiro verso?
- () Bagunças
- () Confusões
- () Escapadas
- () Trapalhadas
- » Justifique por que as opções que não foram selecionadas não são válidas como resposta.

PANORAMA

Também conhecido como poesia popular, o cordel é um gênero literário que se tornou símbolo da cultura da Região Nordeste do Brasil. Além de entreter com narrativas envolvendo figuras típicas do imaginário nacional ou herdadas dos povos europeus, o cordel passou a exercer outras funções. Nele, é possível encontrar informações sobre fatos recentes, denúncias e críticas a aspectos políticos e sociais, bem como versões mais simples e resumidas de clássicos da literatura universal, como é o caso do texto a seguir. Leia-o e descubra que famoso romance foi adaptado para os versos do cordel.

Dom Quixote: em cordel

Houve em tempos um fidalgo
Alto, magro e destemido,
Com cerca de cinquenta anos,
Bigode fino, comprido,
Para quem todo romance
De cavalaria era lido.

Admirava as histórias,
Aventuras destemidas,
E passava horas e horas,
Tardes longas e compridas,
Imaginando viver
Um pouco daquelas vidas.

Dominado pelos livros,
Tudo cria ser verdade,
E à sua grande inocência
Juntava outra qualidade:
Demovê-lo era impossível

Miolo mole e sonhador,
Se aprontou, um dia, cavaleiro.
Pegou a lança e a armadura,
Tratou de ter companheiro:
Rocinante, seu cavalo,
Famoso no mundo inteiro.

Faltava, porém, um nome
Para ele que fosse forte
Como os dos outros cavaleiros
Andantes do sul e norte.
Parou por alguns instantes
E se chamou Dom Quixote.

Mas, lembrando ele os romances,
Ainda outra falta achou:
Para ser um cavaleiro,
Como sempre imaginou,
Carecia de um amor louco,
e pensou, pensou, pensou...

[...]
Demorou nisso algum tempo
Até que teve lembrança –
Uma linda camponesa
Vivia na vizinhança.
Aldonça era o nome dela,
E exigia uma mudança.





A dama de um cavaleiro
Outro nome devia ter,
Não tão rude como esse,
Mais bonito de dizer.
Dulcineia del Toboso,
Acabou por escolher.

Tudo estava resolvido:
Nome, cavalo e amor.
E, um dia, pé ante pé,
Quando surgia o alvor,
Montou seu cavalo magro,
Deu partida sem temor.

[...]

Avistou, então, um albergue
(pra ele, um vistoso castelo)
Com ameia, torres e ponte,
Tudo tão imponente e belo!
Com certeza, um cavaleiro
O ordenaria com zelo.

[...]

O Rocinante, faminto,
Querendo a estrebaria,
Continuou no seu trote
Até o mais que ele podia.
Parou na porta do albergue
Duas mulheres havia.

Aos olhos de D. Quixote
Eram mulheres formosas,
Castelãs, sem qualquer dúvida,
Lindas e espirituosas.
Com um gesto, sossegou-as,

Por me verdes tão armado.
Sou um cavaleiro andante,
Vosso defensor e criado.”
As duas mulheres riram,
O que não foi do seu agrado.

Quando pensou censurá-las,
Na porta um senhor surgiu
Que só com bastante esforço
Ficou sério e não riu.
O cavaleiro era um tonto
Que como ele nunca viu.

“Cavaleiro”, disse o homem,
“Se acaso aqui quer dormir,
Uma coisa vou dizer-lhe,
Cama não vai conseguir.
No mais, de tudo disponha,
Aqui estou para o servir”.

Dom Quixote respondeu:
“Caro senhor castelão,
A mim qualquer coisa basta,
Digo-lhe de coração.
Armas e muita peleja
São minha satisfação”.

O outro se esforçou de novo
As coisas nem entendendo.
Ele não era um castelão:
O que estava acontecendo?
Pensou: “sou estalajadeiro,
Esse homem não está vendo?”.

BARBOSA, Ricardo. *Dom Quixote*: em cordel. 1. ed. 2017. E-book.

VOCABULÁRIO

alvor: a primeira luz do amanhecer.

ameia: pequenas paredes separadas por espaços regulares que ficam sobre as muralhas dos castelos

fidalgo: membro da nobreza ou que tem gestos nobres.

ordenar: rito sagrado realizado para tornar-se cavaleiro.





R. B. CÔVO



R. B. Covo é formado em Letras e História. Sua trajetória é marcada pela dedicação à escrita em diversos gêneros e à pesquisa da língua. Foi vencedor de vários concursos literários, como o Poemas no Ônibus e no Trem, em Porto Alegre, no ano de 2012.

↓ Página 47



Apesar de ser símbolo da cultura popular brasileira, o cordel, na verdade, teve origem na Península Ibérica – onde se situam Espanha e Portugal – e foi trazido para o Brasil pelos colonizadores portugueses. Ainda comum em feiras livres, especialmente na Região Nordeste, o cordel é tradicionalmente impresso em formato de folheto, que, em geral, não ultrapassa 32 páginas, e costuma ter a capa ilustrada com uma técnica chamada de xilogravura.

O nome **cordel** vem da tradição de expor esses folhetos em cordas – ou cordéis, como são chamados em Portugal – penduradas nas barracas de feiras populares. Atualmente, o cordel ainda pode ser exposto desse modo, mas é também vendido em bancas de jornal, livrarias ou mesmo na internet. Além disso, pode ser encontrado em formato de livro impresso com ilustrações ou como livro digital.



1. Considerando o conteúdo do texto que você acaba de ler, é possível afirmar que esse cordel

() denuncia problemas vivenciados pela população brasileira.

() permite a popularização de uma narrativa já existente.

() descreve um fato verídico ocorrido recentemente.

► Explique sua resposta descrevendo brevemente o que é apresentado no trecho do cordel.

2. Relacione as palavras empregadas no cordel aos seus respectivos significados, de acordo com o sentido que elas assumem no texto.

(1) carecer (6ª estrofe)

(2) castelão(ã) (16ª estrofe)

(3) demover (3ª estrofe)

(4) trote (11ª estrofe)

(5) estalajadeiro (17ª estrofe)

() Dono de estalagem ou albergue.

() Tirar de alguém a intenção de algo.

() Andar do cavalo entre o passo e o galope.

() Sinônimo de precisar.

- 3.** Assim como nas narrativas em prosa, nos cordéis também é comum que as histórias comecem com a apresentação da situação inicial e das personagens. Sabendo disso, releia a estrofe a seguir.

Houve em tempos um fidalgo
Alto, magro e destemido,
Com cerca de cinquenta anos,
Bigode fino, comprido,
Para quem todo romance
De cavalaria era lido.

- a)** Sublinhe a expressão que é utilizada na estrofe para descrever, mesmo que de forma imprecisa, o tempo em que a história se passa.
- b)** Que personagem está sendo descrita nesse trecho?
- Além de destemida, essa personagem é descrita como imaginativa, inocente, sonhadora e “miolo mole”. Que comportamentos apresentados por ela comprovam essas características?
- A teimosia é outra característica citada e atribuída a essa personagem. Os versos em que essa citação ocorre são:

()

Aos olhos de D. Quixote
Eram mulheres formosas

()

Demovê-lo era impossível
Qualquer que fosse a vontade

()

As duas mulheres riram,
O que não foi do seu agrado

4. De acordo com o que você leu, o que Dom Quixote julga ser necessário para se tornar um cavaleiro como os das histórias que lia?
5. Lembrando que a complicação é o momento do enredo no qual os problemas enfrentados pela personagem principal começam a aparecer, é possível afirmar que o que marca o início da complicação em *Dom Quixote: em cordel* é

() a escolha de Dulcineia del Toboso como amor de Dom Quixote.

() o estalajadeiro não querer hospedar Dom Quixote no albergue.

() a chegada de Quixote ao albergue, o qual pensava ser um castelo.

➤ Cite quais fatos, após esse momento, evidenciam o início da complicação.

6. Explique o uso das aspas na estrofe a seguir.

“Cavaleiro”, disse o homem,
“Se acaso aqui quer dormir,
Uma coisa vou dizer-lhe,
Cama não vai conseguir.
No mais, de tudo disponha,
Aqui estou para o servir”.

7. Na composição de uma estrofe, é possível que não haja uma correspondência completa de sons em algumas das rimas. Identifique e circule, nas rimas dos versos a seguir, quando isso ocorre.

Faltava, porém, um nome
Para ele que fosse forte
Como os dos outros cavaleiros
Andantes do sul e norte.
Parou por alguns instantes
E se chamou Dom Quixote.

Avistou, então, um albergue
(pra ele, um vistoso castelo)
Com ameia, torres e ponte,
Tudo tão imponente e belo!
Com certeza, um cavaleiro
O ordenaria com zelo.

› Explique o que muda no som para que a correspondência não seja completa.

↓ [Página 49](#)

8. Anti-herói é o termo usado para denominar o protagonista que não possui as virtudes tradicionalmente atribuídas aos heróis. Com base no cordel lido, explique as características de Dom Quixote que justificam sua classificação como anti-herói.
9. Durante sua jornada de cavaleiro andante, Dom Quixote enfrenta uma série de aventuras absurdas, muitas vezes interpretando situações comuns como se fossem confrontos épicos contra cavaleiros e monstros. Sabendo disso, imagine que situação comum Dom Quixote poderia interpretar como uma aventura épica. Descreva essa situação e explique como ele a veria.

CORDEL

- É um gênero predominantemente narrativo, escrito em versos rimados.
 - › Seu formato de estrofe mais comum possui seis versos, e cada verso tem sete sílabas poéticas.
- Narra histórias reais ou ficcionais, de amor, de política, de aventuras etc.
- É ilustrado tradicionalmente com xilogravuras, podendo apresentar estampas obtidas com outras técnicas.

Que tal aprofundar um pouco mais os seus conhecimentos sobre esse gênero? Para isso, acesse o conteúdo “Literatura de cordel e a cultura popular” por meio do *link* http://qr.portalsaseducacao.com.br/lp_7a_por_c2_b.



Página 50

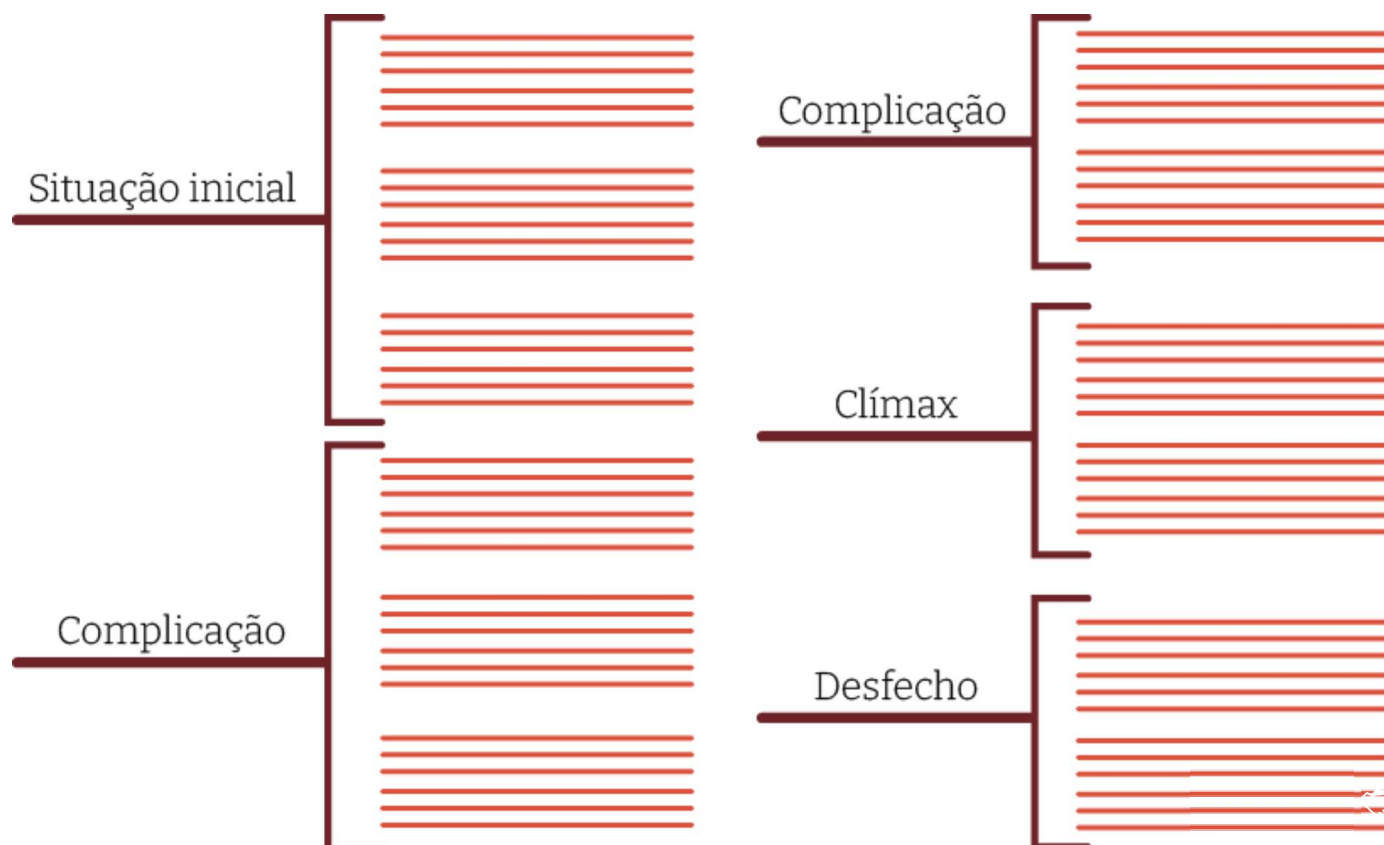
VOCÊ CONSTRÓI

Ao final do cordel de Fábio Sombra, o narrador, além de reaver sua rabeca, resolve o problema da superlotação no reino da poesia, permitindo que novas histórias de cordel continuem a ser escritas. Sabendo disso, que tal povoar esse mundo fantástico com mais algumas personagens? Para isso, nesta seção, a sua missão será transformar uma história que você já tenha lido em um pequeno cordel com começo, meio e fim. Siga o passo a passo para realizá-la.

Planejando o cordel

Passo 1: Defina qual história você transformará em um cordel curto, de, em média, 12 estrofes. Avalie como essas estrofes serão divididas entre as partes do enredo (situação inicial/apresentação, complicação, clímax e desfecho).

Dica: Se julgar pertinente, faça um esquema, como o apresentado a seguir.



Escrevendo o cordel

Passo 2: Seguindo o formato de estrofes com seis versos, inicie a escrita do texto. Para ajudar nesse início, você pode usar a estrofe a seguir como modelo:

Eu vou contar uma história
 Preste muita atenção
 Pois há de ser muito boa
 Para qualquer cidadão
 Ela fala
[terminar com palavra com final “ão”]

ponto de atenção

Lembre-se de rimar as palavras finais dos versos pares.



A presença de sete sílabas poéticas em cada verso, como você viu, é uma característica dos cordéis. Porém, garantir essa métrica no texto pode ser desafiador em um primeiro momento. Por isso, para começar seu texto, considere apenas a percepção sonora com base na estrofe modelo, ou seja, compare se os versos criados parecem encaixar no mesmo ritmo dos que já existem.

Revisando e editando o cordel

Passo 3: Com a primeira versão do seu texto pronta, releia-a e avalie o que pode ser melhorado. Utilize as questões a seguir como norteadoras da sua avaliação.

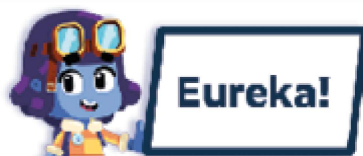
- () Está claro como começa e termina a história, sendo possível identificar os principais momentos do enredo (situação inicial, complicação, clímax e desfecho)?
- () Há seis versos em cada estrofe e as rimas estão posicionadas nos versos pares?
- () Há um espaço entre as estrofes que ajuda a deixar claro onde cada uma começa e termina?
- () Os versos que você criou parecem “caber” no ritmo dos versos heptassílabos?

Passo 4: Após a avaliação da primeira versão conforme os pontos acima, realize os ajustes, caso necessário, e passe seu cordel a limpo em formato de folheto. Para isso, siga o passo a passo do conteúdo “Criando um folheto de cordel”, disponível em http://qr.portalsaseducacao.com.br/lp_7a_por_c2_a.

Dica: Divida as estrofes igualmente nas páginas de modo que cada página fique com o mesmo número de estrofes.

Fazendo o cordel circular

Passo 5: Seguindo as orientações do seu professor, organizem um espaço na escola para exposição e divulgação dos cordéis. Vocês podem usar barbantes para pendurar os livretos tal



Amplie seus conhecimentos. Acesse a Eureka!

NESTE CAPÍTULO, VOCÊ ESTUDOU:

- as características dos poemas narrativos conhecidos como cordéis e o papel desses textos na vida em sociedade;
- algumas das figuras de linguagem (metáfora, comparação, prosopopeia, hipérbole, assonância e aliteração);
- os aspectos formais da versificação em poemas e cordéis.

★ Avalie este conteúdo